

# Alimentos sobem mais na periferia

O que João França talvez não tenha percebido ao comprar os alimentos naquela tarde do dia 22 é que pagou muito mais do que se comprasse a mesma coisa no *asfalto*. Na complicada engrenagem que move o custo de vida no Brasil, quem ganha menos e mora pior acaba pagando mais para comer e, quase sempre, por alimentos de qualidade duvidosa.

Naquele dia o preço médio da batata no comércio da Rocinha, por exemplo, era 50% superior ao cobrado no supermercado Sen-das. O tomate estava 49% mais caro e o arroz e o feijão — presen-ças certas no prato do trabalha-

dor — juntos valiam 48% mais na favela. Já em Babi, bairro de Belford Roxo, Baixada Fluminense, todos os legumes e frutas expostos para venda no mercado Hamilton R. Silva — um dos poucos na região — estavam podres no dia 19, quando a reportagem do **JB** esteve no local.

“A alimentação é o bem mais essencial para a sobrevivência e o pobre já perde no ponto de partida: não tem tempo, informação e acesso para comprar os bens. Logo, sujeita-se às chamadas *biroscas*, que praticam preços bem mais altos pela falta de competitividade”, diz Sônia Rocha, diretora do IBGE no Rio. Edward Amadeo, da PUC, acrescenta que não se pode desvincular preço da qualidade do produto: “Na classe média os produtos vendidos são de melhor qualidade, porque a exigência do consumidor é maior”.